

Qualidade no teto

Algumas concessionárias começam a pressionar a Aneel; sem mexer nas tarifas, não dá para melhorar os índices de DEC e FEC. [...]

Rodrigo Polito
Rio de Janeiro

É inegável que nos últimos dez anos o serviço de fornecimento de energia elétrica no Brasil melhorou, e muito. Além da própria percepção do consumidor sobre essa evolução, os indicadores técnicos de continuidade apresentam melhoras significativas. Mais recentemente, porém, os índices vêm se mantendo estáveis. Sinal de que o segmento está chegando ao limite da qualidade do serviço sem onerar o bolso do consumidor ou as contas das distribuidoras.

Entre 1996 e 2007, os índices de Duração e Frequência Equivalentes de Interrupção por Consumidor (DEC e FEC) caíram 38,4% e 46,5%, respectivamente, na média nacional. Boa parte dessa queda é explicada pela implantação do modelo de regulação por incentivos, que estimula as distribuidoras a prestarem um serviço com mais qualidade. A cada revisão tarifária, a Aneel estipula novas metas de continuidade do fornecimento de energia mais rígidas do que as anteriores.

Nos últimos quatro anos, porém, o DEC médio brasileiro tem ficado na faixa de 16 horas, e o FEC, em torno de 12 vezes. Essa constância gerou a dúvida quanto ao limite de redução dos índices sem afetar a rentabilidade das distribuidoras. “É uma tendência real, em função do regulamento. Vamos reduzir até um ponto em que não valerá mais a pena fazer isso”, diz o superintendente de Fiscalização dos Serviços de Eletricidade (SFE) da Aneel, Paulo Henrique Silvestri Lopes.

Apesar disso, Lopes atenta em que algumas distribuidoras ainda possuem um espaço considerável para reduzir os indicadores de interrupção no fornecimento. As empresas da região Sudeste, que em geral possuem indicadores melhores devido às condições econômicas favoráveis e à maior concentração de consumidores em sua área de concessão, distorcem em parte a média brasileira. Distribuidoras mais isoladas, com áreas menos povoadas e indicadores ainda altos, têm menos peso na média.

Para a Abradee, as concessionárias poderão chegar no futuro ao que ela chama de “padrão da rede”, com indicadores de sete horas (DEC) e de seis interrupções (FEC). Segundo o assessor da presidência da entidade, Pedro Eugênio Pereira, algumas concessionárias, como a CPFL Paulista, já atingiram esse nível. Mas empresas com densidade de consumidores menor, como as distribuidoras do Norte, terão um padrão de rede maior, em torno de dez horas e nove interrupções por ano.

“O setor como um todo pode atingir o padrão de rede entre os próximos quatro e oito anos. Mas essa não é uma variável sobre a qual se tem controle. Para reduzir os indicadores não basta apenas a atuação das distribuidoras. São necessárias condições favoráveis de infra-estrutura das localidades, por exemplo”, explica o dirigente.

Perda de R\$ 81 bilhões

Há quem garanta, porém, que esse limite entre qualidade e investimento já foi ultrapassado. De acordo com uma estimativa do Instituto Acende Brasil, as distribuidoras acumulam perdas de rentabilidade de R\$ 81 bilhões entre 1998 e 2006 quando se analisa o custo de oportunidade do investimento. “A rentabilidade do setor não compensa o custo de oportunidade do capital investido”, diz o gerente de projetos da consultoria Siglasul, Sebastián Butto.

Na Inglaterra, onde também se aplica o modelo de regulação por incentivos, o indicador de interrupção no fornecimento caiu 39% entre 1990 e 2005. No mesmo período, o índice de reposicionamento tarifário (IRT) das empresas caiu 34%, e o Ebitda do setor aumentou 51%.

No Brasil, a parcela B das empresas que já passaram pelo segundo ciclo de revisão tarifária caiu, em média, 27% nos últimos quatro anos. Segundo Butto, a Aneel, por exemplo, exige uma melhoria da qualidade de serviço de FEC média de 11,37% ao ano, mas nos últimos quatro anos verificou-se uma redução anual de apenas 3%.

A agência, contudo, se defende. “A Aneel não vai estipular algo inviável para as distribuidoras. Toda concessionária que sentir necessidade pode repactuar suas metas de DEC e FEC com a agência. E todas as características da empresa são analisadas durante a revisão tarifária”, explica Lopes.

DEC piora com Luz para Todos

Apesar da evolução dos últimos anos, uma análise da média móvel do DEC dos últimos 12 meses até junho deste ano aponta uma tendência de aumento do indicador. O índice está em 18 horas, contra o indicador de 16 horas observado na média móvel até abril de 2008. Ou seja, está ocorrendo uma piora no atendimento este ano.

A Aneel ainda está analisando as causas desse aumento. Uma das hipóteses levantadas é o programa Luz para Todos. Com as novas ligações do programa em áreas mais isoladas, as equipes de manutenção das distribuidoras levam mais tempo para solucionar um defeito na rede, o que impacta diretamente o DEC.

Já a média móvel do FEC mantém-se estável desde dezembro de 2006: 12 vezes.

Em estudo, um 'cardápio' de qualidade

A agência também está debruçada sobre novos estudos relativos à qualidade do serviço. Um deles, que pode ser implantado ainda durante o segundo ciclo de revisões tarifárias, prevê a criação de uma metodologia que permita aos consumidores determinar o nível de qualidade de serviço que desejam e quanto estão dispostos a pagar por isso.

Segundo o diretor-presidente do órgão regulador, Jerson Kelman, a idéia é criar uma espécie de cardápio: de um lado estaria o nível de qualidade do serviço, e do outro, o valor a ser pago por ele.

“Em vez de a Aneel decidir ‘tecnocraticamente’ as obrigações e as receitas das distribuidoras, o melhor é deixar a decisão para o consumidor”, disse Kelman, durante a cerimônia de entrega do Prêmio Abradee, em julho no Rio de Janeiro.

Outra alternativa estudada pela agência é aumentar as metas dos indicadores individuais de continuidade do fornecimento de energia, o DIC e o FIC. Ainda não há nada definido, mas para a Aneel, diferentemente de no DEC e no FEC, ainda há muito espaço para aumentar o rigor dos índices individuais das unidades consumidoras.

POLITO, R. **Qualidade no teto.** Revista Brasil Energia, edição 335, Energia Elétrica, Distribuição, págs 54 a 58, outubro.2008.